

SEGREGAÇÃO SÓCIO ESPACIAL NO CEMITÉRIO SANTANA – JARAGUÁ (GO): DISTINÇÕES SOCIAIS ENTRE A VIDA E A MORTE

CAÍQUE PEIXOTO NUNES DOS SANTOS¹

caiquepeixoto13@hotmail.com

Prof.a. Ms. EUNICE DE OLIVEIRA RIOS²

eunicer@uol.com.br

Resumo: O presente estudo tem como objetivo compreender a paisagem cemiterial que reflete a cultura e história das pessoas situadas na necrópole (cidade dos mortos) e por extensão da cidade (cidade dos vivos) e elucidar como a segregação na cidade é evidenciada no cemitério, bem como a importância que o homem sente em poder eternizar a sua classe social até após a morte. Este mesmo espaço onde as pessoas demonstram afeto e carinho pelos entes queridos através de ações como a construção de uma capela, jardins, lápides e frases comprovando a gratidão. A organização espacial do cemitério reflete a organização da sociedade e, por conseguinte a do espaço urbano. Há uma relação entre o espaço urbano e o espaço cemiterial, como o arranjo espacial (o cemitério é organizado em quadras, com endereços e lotes), “valores imobiliários” distintos, comprovando a lógica do espaço urbano. A diversificação da estrutura social pode ser também percebida no cemitério na medida em que alguns sepultamentos são considerados “enterro digno” e em outros casos são de “indigentes”, que ao passar do tempo são esquecidos e não possuindo homenagens ou identificação ou nenhuma estrutura física construída. O espaço urbano e o espaço cemiterial constituem-se em frutos da realização humana, portanto são susceptíveis às diferenças. Representações culturais, ideologias e expressões que são evidenciadas no espaço cemiterial. Outro fator proeminente é o crescimento da cidade, que necessariamente, aumenta a quantidade de cemitérios. Portanto as características e a relação entre esses dois espaços são estreitas.

Palavras-chave: Sociedade- paisagem cemiterial- cemitério municipal.

Introdução:

Para entendermos a origem do cemitério, vamos partir do significado dado à palavra cemitério que se origina do grego *Koumetérion*, que se referia ao local onde se dormia. A utilização se deu pela Igreja Católica (descanse em paz). (REZENDE, 2007, p.1)

Os cristãos eram enterrados nos campos santos onde esperavam a ressurreição ao terceiro dia. Desde a Idade Média onde a Igreja tinha forte influência na vida das pessoas, os cemitérios eram controlados pela Igreja Católica, onde a desigualdade social já era aparente e espacialmente, ou seja, os ricos e os sacerdotes eram sepultados próximos ao altar dentro da

¹ Professor do Centro Escolar Mérito e egresso do curso de Geografia, Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CACSH), Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, GO.

² Docente do curso de Geografia, Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CACSH), Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, GO.

Igreja, enquanto que os pobres eram enterrados ao lado de fora no pátio da igreja, promovendo a separação de classes.

Os cemitérios se constituem em “ricas fontes de pesquisas, utilizados frequentemente pela História, Antropologia, Sociologia, entre outras ciências”. Recentemente a Geografia tem buscado respostas “através da pesquisa cemiterial, investigando a representatividade dos túmulos na reprodução da Geografia social dos grupos”. As investigações fundamentadas na Geografia Humanística, Cultural e da Religião são ainda recentes com relação aos estudos cemiteriais, mas têm demonstrado ser possível o estudo da “temática ligada ao patrimônio, à percepção e à presença de grupos culturais em determinada porção do espaço”. (CAETANO e BEZZI, 2011, p. 1).

Na atualidade existem vários tipos de cemitérios. Quanto à categoria os cemitérios são caracterizados como *privado* ou *público*, onde se percebe uma relação intrínseca com o comércio, a cidade e a valorização do solo urbano que atinge a necrópole (cidade dos mortos). Os cemitérios privados são destinados àqueles que têm condição de pagar por um jazigo. Com relação às classes sociais esses cemitérios obedecem a lógica da cidade no mundo dos vivos, onde muitos cemitérios são destinados aos que tem mais poder aquisitivo e aos outros que não tem o poder aquisitivo, restam-lhes os cemitérios públicos.

Segundo Rezende a divisão entre ricos e pobres pode ocorrer dentro do cemitério público, apresentando locais com concessão de jazigos, o que propicia uma maior ostentação, e lugares destinados a sepulturas gratuitas, formando o cemitério misto (2007, p. 23).

Dentro do cemitério público essas diferenças internas são aparentes onde alguns projetam aqueles jazigos grandes, com representações tumulares e outros com simplesmente uma cruz.

Os cemitérios que não possuem divisão interna é o cemitério *convencional* onde são enterrados os burgueses, grandes celebridades e políticos, já o cemitério *popular* é reservado às pessoas de baixa renda.

1. A RELAÇÃO ENTRE A CIDADE DOS VIVOS E CIDADE DOS MORTOS

Ao se propor um estudo dentro da temática cemiterial alguns questionamentos são levantados, como:

- a) Há relação entre o espaço urbano e o espaço cemiterial?
- b) É possível identificar através da paisagem cemiterial a segregação social em Jaraguá?
- c) Quais fatores caracterizam a segregação sócio espacial na cidade?

A paisagem da cidade é fruto das relações sociais, criadas e existentes pela sociedade e ela pode ser observada de várias formas representada no cemitério. Os bens que a pessoa possuía ou não, sua classe social e o poder de aquisitivo que é demonstrado, de forma miniaturizada no cemitério. Partimos da ideia de que há uma relação entre cidade e o cemitério, pois ela propicia uma leitura da paisagem cemiterial, ela se constitui num reflexo da cidade, possuindo diversas características da mesma. O cemitério se constitui numa porção reduzida do espaço urbano, traduzindo, de forma perceptível como um reflexo, as condições da sociedade, Assim Chiavenato 1998, apud Barboza, 2013, p. 2) afirma que

É sintomático que os cemitérios, enquanto se transformavam “em morada dos mortos”, reproduzissem a geografia urbana e a arquitetura dos vivos. A mudança foi significativa e gradual: os pobres continuam a ser enterrados em valas comuns, envoltos em panos, anonimamente, enquanto ricos começaram a construir seus túmulos. Como se fossem casas, os túmulos situavam-se em ruas e mesmo bairros: os ricos eram enterrados nos lugares mais nobres, os pobres permaneciam na periferia e os absolutamente miseráveis, na vala comum.

Prossegue o mesmo autor afirmando que da mesma “forma, é possível dizer que o cemitério é a cidade dos mortos convivendo geograficamente com a cidade dos vivos. Seus muros delimitam os dois espaços” (Barboza, 2013, p.134)

A paisagem cemiterial reflete a segregação existente na cidade, as origens, o como era a vida, os valores e como as pessoas encaram a morte. Esta representação torna-se possível a partir da observação concreta da referida paisagem, através dela podemos observar e entender a importância que as pessoas tiveram em vida, riqueza, bens adquiridos, os seus gostos, chegando até a identificar, através das características do túmulo, a profissão do sepultado.

Em alguns cemitérios as segregações são visíveis, basta comparar os preços diferenciados dos terrenos, além da ostentação da classe social alta que é evidenciada nos monumentos e nas esculturas. Porém mesmo sem as representações simbólicas é possível distinguir as desigualdades, religiões, cultura ao se considerar a categoria do cemitério, se privado ou público.

O preço do solo urbano remete às fragmentações que existe na cidade, também ao preço do terreno para o túmulo, assim como a localização também em áreas mais próximas e visíveis. Há uma especulação do solo na cidade onde em lugares mais centralizados existe um preço mais alto, e outros mais afastados possuem um preço menor, o mesmo processo

ocorre no cemitério. Considerando que o cemitério é uma fonte capitalista e lucrativa podemos perceber que a especulação imobiliária também é comum nesse espaço.

O cemitério é um espaço em que as pessoas demonstram seu afeto e carinho pelo ente querido através de ações como a construção de uma capela, um jardim uma lápide, são todas formas de gratidão, de homenagem. Outro fator relevante é o crescimento da cidade, que necessariamente, aumenta a quantidade de cemitérios na cidade. Então as características e a relação entre esses dois espaços é perceptivo.

A cidade de Jaraguá possui dois cemitérios públicos, municipais um mais antigo Cemitério Santana e dentro do espaço urbano e um mais recente “Parque da Serra”, tipo *jardins*, na periferia da cidade. O objeto da presente pesquisa é o cemitério municipal Santana, o mais antigo da cidade.

2. Jaraguá (GO) – caracterização histórico-geográfica:

A palavra Jaraguá deriva da língua Tupi-Guarani - *Yara-Guã*, que significa Senhor do Vale, que de forma majestosamente fazia prosperar a região.

O município de Jaraguá localiza-se na Mesorregião Centro Goiano, na Microrregião de Anápolis. Sua sede encontra-se inserida nas seguintes coordenadas geográficas: 15° 45’ e 32” de latitude Sul e 49° 20’ e 09” de longitude W. Gr. Limita-se ao norte com Rianópolis, Santa Isabel e Goianésia: ao sul com São Francisco, Jesúpolis, Santa Rosa e Taquaral; à leste com Pirenópolis e à oeste com Uruana, Itaguari e Itaguaru. Possui oito povoados (Alvelândia, Arturlândia, Mirilândia, Palestina, Vila Aparecida, Santa Bárbara, Cantagalo, Bom Jesus) e dois aglomerados rurais (Monte-Castelo e São Geraldo).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) a população estimada era de 46.048 pessoas em 2014, com uma população de 41.870 pessoas em 2010. A área da unidade territorial 1.849,552 km² e densidade demográfica 22,64 hab/km².

As origens de Jaraguá estão mergulhadas em uma nebulosa – escravos faiscadores ou o bandeirante português Manoel Rodrigues Thomaz, fundador e Guarda-mor das minas de Meia Ponte (atual Pirenópolis) podem ser considerados como descobridores, primeiros habitantes e/ou fundadores de Jaraguá?

Segundo Pedrosa a documentação histórica e os autores clássicos da historiografia goiana e cronistas europeus, demonstram que o descobrimento do ouro em Jaraguá se deve a negros faiscadores, em 1736 e/ou 1737 (2008, p. 158).

Notícias da existência do ouro nas proximidades dos arraiais de Meia-Ponte (1727) e de Santa Rita da Anta (1729) atraíram aventureiros de muitas partes, próximas e distantes.

Seu nome original era Córrego do Jaraguá, devido à sua localização junto ao sopé de uma montanha semelhante ao Pico do Jaraguá, em São Paulo, assim como ao seu tipo de ouro – “grupiara”, semelhante ao paulista.

O povoado foi edificado junto a um córrego, o Rio Pari, nome dado por causa de um pari (armadilha para pegar peixes) ali construído. O local era sujeito à enchentes e à infestação de mosquitos e outros animais, tornando-o insalubre. Como solução planejou-se mudar para um lugar seco e mais alto, do outro lado da serra. Com as explorações auríferas iniciou-se o povoamento, as primeiras habitações e ruas, marcando as origens da cidade.

Em 1.748 foi concluída a construção da primeira capela, sob a evocação de São José e Nossa Senhora da Penha. Posteriormente seguiram as construções das igrejas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (1.776) e a de Nossa Senhora da Conceição (1.828).

Paralelamente à exploração do ouro formaram-se sítios e fazendas, produtoras de alimentos para o abastecimento das minas. Em fins do século XVIII o Arraial do Córrego do Jaraguá contava com engenhos que produziam aguardente para a comercialização e significativo crescimento agrícola.

No princípio do século XIX, devido à diversificação da economia, Jaraguá caracterizou-se como um próspero arraial da Capitania de Goiás.

Viajantes europeus (J. Emmanuel Pohl e August de Saint’Hilaire) que estiveram no arraial, o descreveram como populoso e quase do tamanho de Meia Ponte, então Cabeça do Julgado. O Arraial do Córrego do Jaraguá é oficialmente elevado à categoria de Vila, através do Decreto Nº. 8 de 1º de julho de 1.833.

Em 29 de julho de 1882, foi elevado à categoria de município e passou a ser chamado apenas de Jaraguá.

Fatores como, a Marcha para o Oeste, a busca por terras agricultáveis, a implantação da Colônia Agrícola Nacional (CANG) e a construção de Brasília, são os responsáveis pelo um impulso desenvolvimentista vivenciado pelo município, cuja produção econômica passou a se fundamentar na comercialização da produção, gerando um crescimento urbano significativo, a partir da década de 1940.

A construção da BR-153, em princípios de 1.960, acabou por dinamizar o crescimento econômico, urbano e demográfico de Jaraguá, transformando-o em núcleo comercial e regional.

A década de 80 registra a introdução maciça de máquinas na cidade de Jaraguá, marcando a implantação da indústria de confecção na cidade, gerando um vertiginoso

crescimento social, espacial e econômico no município e região, o que lhe permitiu ser hoje denominada “Capital das Confeccões”.

3. Cemitério Santana:

Assim como outras cidades brasileiras, criadas no período colonial, Jaraguá possui uma arquitetura típica da época, preservada nas igrejas, como a construção simples, “sem rebuscamento”, apresentando elementos como capela, nave, coro, depósito, campanário, além do cemitério externo e as sepulturas internas. Tais elementos são encontrados na Igreja Nossa Senhora do Rosário e na Igreja Nossa da Conceição (ASSUNÇÃO, 2012, p. 152-178).

Passado o tempo, os cemitérios aos moldes atuais, se estabeleceram. O mesmo ocorreu à cidade de Jaraguá, cujo território se expandia, assim como a economia e a população cuja dinâmica da vida se prolonga no cemitério.

O cemitério municipal Santana localiza-se na Av. Presidente Kennedy, Centro, Jaraguá, Goiás.

Segundo o responsável pelo Cemitério Santana de Jaraguá também conhecido como Cemitério Municipal atualmente possui 1.400 túmulos não havendo mais espaço para túmulos novos, existindo somente vagas para sepultamentos em jazigos e capelas já adquiridos pelos familiares.

Como solução foi criado o segundo cemitério na cidade, o Parque da Serra no ano de 2000 com localização se encontra mais distante do centro da cidade. Que possui cerca de 1.500 sepulcros. Nessa perspectiva observamos uma relação intrínseca da relação do crescimento da cidade que culmina no esgotamento das áreas do cemitério.

A cidade de Jaraguá possui dois cemitérios públicos na área urbana e oito nas áreas rurais. O mais antigo é o da minha pesquisa o segundo foi criado para atender à crescente demanda da cidade

O cemitério Santana de Jaraguá-GO é constituído por diversos túmulos com representações com grandes lápides e túmulos bastante detalhados, uns confeccionados em mármore, com capelas e também outros sem qualquer ornamento ou inscrição específica.

Os túmulos revela na paisagem a religiosidade, pois os túmulos dos católicos possuem algumas particularidades culturais que diferenciam das pessoas de outras religiões, como as imagens de santos católicos e o crucifixo, detalhes que não são evidenciados dos evangélicos.

FIGURA 1



Fonte: SANTOS, 28.10.15

Na foto 1 podemos identificar um túmulo com estrutura grandiosa e diferente com detalhes minuciosos com cerca representando uma mansão em espaço miniaturizado demonstrando a devoção católica com imagens de santos. Certamente de pessoas com poder aquisitivo elevado.

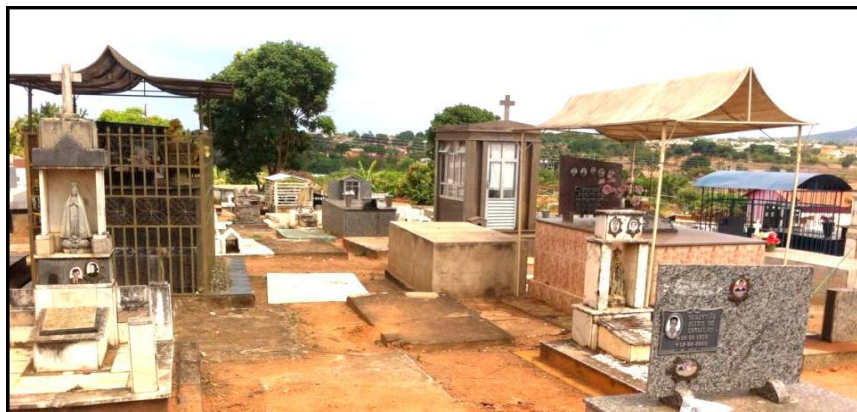
FIGURA 2



Fonte: SANTOS, 28.10.15

Na foto 2 a identidade referenciada pelas as imagens de santos católicos, esse tipo de túmulo representa uma miniatura de uma igreja. Percebe-se na paisagem cemiterial, após uma ligeira observação o esgotamento espacial, a organização em traçado em quadras e ruas, o aglomerado de sepulturas, a heterogeneidade das formas e das cores, o simples e o elaborado, o pobre e o rico.

FIGURA 3



Fonte: SANTOS, 28.10.15

As estruturas dos túmulos podem manifestar a posição social não apenas do indivíduo, mas da família e no grupo social que estão inseridos.

Na imagem acima é possível perceber o contraste de desigualdade visível no Cemitério Santana, à frente dois túmulos singelos, não possuindo identificações, nem imagens apenas o número de localização do túmulo, logo atrás se observa túmulos que se destacam por diferentes formas, imagens e material (mármore), muito utilizado no cemitério Santana sendo alvo de lucro para várias marmorarias.

Durante o trabalho de campo durante as fotografias, percebi que tinha uma senhora que vinha de longe para visitar o túmulo do pai, estava indignada, pois “*não a autorizaram aumentar o túmulo, devido os espaços pequenos que dificultam a passagem*”. Nota-se que não há fileiras em sequências e sim um desordenamento em todo cemitério.

FIGURA 4



Fonte: SANTOS, 28.10.15

As diferenças sociais expostas na construção tumular evidenciam que os cemitérios são representações dos vivos. Essas construções representam e evidenciam as diversidades de uma sociedade que exclui, segrega e impõe padrões socioculturais, são demonstrações de que na vida e na pós vida ocorrem separações, divisões, exclusões, esquecimentos e controles.

A diferenciação social é nítida na Figura 4, observando o túmulo é horizontal, não possui indicação de nome ou dados do morto, não sendo possível identificar nenhum tipo de dado sobre estas sepulturas. Nota-se o esquecimento social.

A estrutura social também é muitas vezes verificada, pois nem todos que têm acesso a um enterro digno, pomposo, sendo-lhes reservado o anonimato, como os indigentes. No caso desse sepulcro não é possível identificar qualquer forma ou características do ente naquele espaço que é demarcado por grades, demonstração da falta de condições, da desigualdade e da exclusão social, também presente no cemitério.

Após a análise da distribuição espacial de túmulos no cemitério Santana comprova-se que é composto por distintas classes sociais, tive a conclusão que em determinadas regiões na entrada e em corredores centrais ocorre uma exagerada concentração de classes de mais alta renda.

Outro fator relevante é o crescimento da cidade, que necessariamente, aumenta a quantidade de cemitérios na cidade, situação verificada na cidade de Jaraguá, com a criação de um segundo cemitério “Parque da Serra”.

Encerrada a pesquisa, pretende-se prosseguir os estudos na temática cemiterial, buscando compreender a dinâmica social existente ao longo do tempo e do espaço, no cemitério Santana e na cidade de Jaraguá, no estado de Goiás.

Referências:

ASSUNÇÃO, Lorena Sulino. Arquitetura religiosa do século XVIII em Jaraguá – GO. In. **Aspectos histórico-sociais de Jaraguá**. Anápolis, UEG, 2012, p. 150-186. Disponível em http://issuu.com/abare.editorial/docs/jaragua_3-12-2012 Acesso em 19.03.2015.

CAETANO, Jessica Nene e BEZZI, Meri Lourdes. **Microrregião geográfica de Cruz Alta/RS e imigração portuguesa: o espaço cemiterial como fonte de pesquisa**. Disponível em <http://www.unifra.br/eventos/sepe2011/Trabalhos/1049.pdf> Acesso em 20.03.2015.

CAMARA MUNICIPAL DE JARAGUÁ. **História de Jaraguá**. Disponível em <http://www.camarajaragua.go.gov.br/index.php/historia-de-jaragua> Acesso em 18.03.2015.

CARLOS, Ana Fani. **A cidade: o homem e a cidade, a cidade e o cidadão, de quem é o solo urbano?** São Paulo, Contexto, 1994, (Repensando a Geografia).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). **Cidades**. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=521180&search=||inifogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas> Acesso em 18.03.2015.

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista**. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

PEDROSO, Dulce Madalena Rios. **História e memória: debate sobre a construção histórica da origem e fundação de Jaraguá – GO.** Disponível em habitus.ucg.br/index.php/habitus/article/download/2000/1257 Acesso em 20.03.2015.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da morte, necrópole da vida: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa.** São Paulo, Carthgo Editorial, 2000.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Cemitérios.** São Paulo, Necrópolis, 2007.

SPOSITO, Eliseo Savério. **A vida nas cidades: por que a cidade existe? Morar é preciso, o futuro da cidade.** São Paulo, Contexto, 1994, (Repensando a Geografia).